

O sono dos favoritos

• A equipe econômica pode não estar dormindo, mas os que dirigem a campanha do presidente Fernando Henrique garantem que não perdem o sono com a crise. Dizem, sem olheiras, que a turbulência financeira não afetará o voo eleitoral. Admitem que a disputa agora tornou-se um plebiscito sobre quem deve enfrentar a crise, mas acreditam que a população não se dispõe a dar esta tarefa a Lula, por mais grave que seja a situação.

Eduardo Jorge, Euclides Scalco e Nizan Guanaes, que respondem respectivamente pelo comando operacional, político e pelo marketing, estiveram com o presidente e saíram com o discurso otimista e afinado. No início da noite, quando souberam dos acenos do FMI, admitindo criar um fundo para socorrer países da América Latina, não brindaram porque não estavam mais juntos. Mas trocaram telefonemas. Avaliam que se tal socorro retiver os investidores desconfiados e restabelecer a confiança na economia brasileira, a campanha chegará a 4 de outubro sem sobressaltos. O fato de o presidente ter crescido na crise, segundo a pesquisa O GLOBO/TV Globo/Ibope, diz Eduardo Jorge, não sugere que o eleitor esteja em outro mundo, alheio à situação. Pelo contrário, confirma que ele está escolhendo FH para enfrentá-la.

Mas a volta do FMI não terá um efeito simbólico negativo, confirmando a crítica adversária de que a política econômica do presidente comprometeu a soberania do país? Eduardo Jorge responde:

— O FMI não é mais um bicho-papão. Ninguém mais se lembra daquela senhora, a Ana

Maria Jull. Nem se tratará de empréstimo. O que a população quer é segurança, é que o presidente salve o Real.

Scalco garante ainda que o presidente FH continuará não sendo confundido com o candidato. Vale dizer que a crise não pautará o programa eleitoral. Em algum momento, como já disse Nizan Guanaes, pode-se pagar algum pedágio, entrar no assunto para rebater ataques de Lula, quando for preciso preservar a figura do presidente. Pelo visto, é para já, porque a frente de esquerda decidiu aumentar a calibragem dos ataques.

Na avaliação dos estrategistas do presidente, a campanha de Lula erra ao centrar fogo na crise. Se a crise amainar, e Lula recuar dos ataques, passará um recibo de que o Governo acertou. Se a crise amainar, e ele mantiver o discurso até 4 de outubro, falará sozinho, deixando de lado seu melhor cartucho, a ênfase na agenda social.

Mas o PT e seus aliados não pensam assim. Não acreditam que a crise vai passar como uma chuva de verão. Nem que a rota eleitoral seguirá assim, divorciada da rota da economia, se a coisa piorar.